

O BAIRRO DE ITAPUÃ E O DESCOMPASSO ENTRE SUA URBANIZAÇÃO E A QUALIDADE DE VIDA LOCAL

Fábio Antônio Moura Costa de Souza*

RESUMO: *Ao responder a convocação do VIII SEMOC para a discussão da questão da qualidade de vida, nas cidades, no campo ou na sociedade contemporânea, este artigo procura resgatar a história de um dos bairros mais famosos de Salvador, o bairro de Itapuã. Partindo dos eventos que o elevaram de uma recôndita e pacata colônia de pescadores até 1949 para, cerca de três décadas depois, à condição de bairro residencial com expressivo número de moradores, funcionando como conexão entre Salvador a sua Região Metropolitana. Esta comunicação objetiva discutir como o processo de urbanização pelo qual o bairro passou, ora impelido pelo Estado ora a reboque de outros fatos, veio afetar o grande potencial de oferta de qualidade de vida que o bairro detinha para a suprir a demanda que Salvador, no contexto do seu processo de expansão urbana e metropolização, estava a sinalizar por novas áreas residenciais. Nesta perspectiva o processo de urbanização obteve êxito num primeiro momento, contudo também logrou, em função da leniência da ação do poder público, gerar problemas urbanos e socioeconômicos os mais diversos que, além de desmitificar em algum grau o próprio capital simbólico que o bairro obtivera no cenário nacional, contribuíram para o quadro de baixa qualidade de vida a que sua população está submetida.*

Palavras-chave: Urbanização; Qualidade de vida; Bairro de Itapuã

INTRODUÇÃO

Salvador, ao longo de sua evolução histórica e urbana, deixou de ser uma cidade com apenas um núcleo central (o seu centro histórico) para se tornar, desde o último quartel do século XX, numa cidade polinucleada contando com diversos sub-centros distribuídos pelo seu território. Nesta perspectiva, o bairro de Itapuã – objeto deste estudo - está inserido visto ser caracterizado e denominado por estudiosos da cidade e por técnicos do poder público, já há algum tempo, como um sub-centro da capital baiana.

Do ponto de visto etimológico, há uma dubiedade, apesar de ambas serem interpretações da língua tupi, sobre a origem do nome Itapuã – alguns dizem significar “pedra que ronca” outros traduzem como “pedra que levanta” (EREMKIN, 2004). Possuidor de belas paisagens naturais (praias, coqueirais, lagoas, dunas, micro-clima) e riqueza cultural, o bairro de Itapuã logrou obter um capital simbólico próprio, com potencial de proporcionar uma ótima qualidade de vida aos seus habitantes, fato que o elevou à categoria de localidade turística e de veranistas bastante famosa (inclusive cantada) já em meados do século passado.

Contudo, por passar a servir tanto de conexão intra-urbana (a partir de 1949 via orla) como metropolitana (a partir de 1967 sentido CIA e BR-324) para o vetor norte de Salvador, então em expansão devido aos projetos desenvolvimentistas encapados pelos governos federal e

* Bacharel em Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB e discente da Especialização em Planejamento de Cidades da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

estadual, o bairro atraiu um crescente número de pessoas de diferentes classes sociais e, assim, diferentes modos de vida. Esta pressão demográfica acabou por demandar equipamentos de comércio e serviços como também infra-estruturas urbanas de energia elétrica, de comunicações, de educação, de saúde, sanitárias e de transporte de modo a dar condições de habitabilidade ao bairro agora residencial.

É desta problemática que o objetivo deste trabalho se cristaliza ao discutir a transfiguração pela qual o bairro de Itapuã passou no decorrer do seu crescimento. De uma iminente e efêmera, promessa de área de expansão urbana para os habitantes, que já não se sentiam satisfeitos em morar no centro adensado, para se tornar a área-problema que congrega atualmente diversas disfunções urbanas – circulação de pedestres, de carros e de ônibus, criminalidade, questão fundiária e de moradia, informalidade, saneamento básico precário, uso do solo e impactos ambientais.

Para cumprir tal objetivo, foi realizada tanto uma pesquisa bibliográfica, abarcando livros e matérias em jornais que enfocassem a história, o crescimento e a realidade contemporânea do bairro, como uma pesquisa documental, envolvendo informações e dados estatísticos do IBGE tabulados pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – CONDER para os anos 1980, 1991 e 2000 e, sobretudo, os vários planos elaborados pela administração municipal desde 1973 no sentido de ordenar a área em estudo. Além disso, foi importante a observação direta (assistemática) feita em campo ao longo da construção deste texto.

Ainda que o texto contemple tópicos como a localização e delimitação de Itapuã, a evolução e desenvolvimento do bairro, informações e estatísticas do IBGE, aspectos dos usos do solo, e seus problemas atuais não é a intenção deste artigo esmiuçar a realidade total do bairro, o que demandaria uma pesquisa mais profunda como também uma comunicação mais extensa, mas de forma clara e objetiva colocar em evidência a encruzilhada na qual o bairro de Itapuã se encontra.

PESQUISANDO AS ORIGENS DO BAIRRO

Localização e delimitação

O bairro de Itapuã está localizado na orla atlântica da cidade seguindo o seu vetor norte. Dista cerca de 20 Km do Farol da Barra e, a depender do referencial adotado, pode ser chamado de porta de saída ou entrada de Salvador, visto a acessibilidade proporcionada pela proximidade da estrada CIA-Aeroporto (BA-526), da Estrada do Coco (BA-099) e pela presença do Aeroporto Internacional.

Esta localização diferenciada conferiu a Itapuã características especiais. Afastada do centro mais desenvolvido da cidade e próxima a localidades que passaram (e ainda passam) por um processo de expansão urbana, como o município de Lauro de Freitas, emancipado de Salvador, em 1962, e os bairros de Stella Mares/Praias do Flamengo, o bairro se especializou em desenvolver atividades econômicas que servissem tanto ao atendimento às demandas da população local quanto de suporte ao crescimento destas localidades citadas.

Não por acaso, existe a dificuldade em estabelecer a delimitação que melhor traduza o sentimento de pertencimento ao “lugar” Itapuã. Em vista do seu processo evolutivo – implantação paulatina de loteamentos estanques e ocupações irregulares, aliadas à ausência normativa do poder público – vários sub-espços receberam dos moradores e dos incorporadores imobiliários denominações específicas.

Assim, encontram-se no bairro os sub-espços conhecidos como Nova Brasília, Água Suja, Km 17, Nova Conquista, Alto do Coqueirinho, Baixa do Dendê, Baixa da Gia, Alto do

Bela Vista, entre as principais, que representam a fração mais popular de Itapuã fruto das ocupações irregulares ocorridas. Da mesma forma, têm-se os sub-espacos do Farol de Itapuã, Pedra do Sal, Plakaford e Piatã que dizem respeito aos diversos loteamentos planejados implantados desde os anos 1950.

Finalmente, com o intuito de realizar este estudo, utiliza-se, para delimitar Itapuã, a classificação organizada pela CONDER em 1980 a partir dos setores censitários do IBGE. Este órgão do governo estadual criou unidades espaciais de planejamento em Salvador, denominando-as de Zonas de Informação – ZI's. Nesta classificação a ZI – 55 é aquela que abarca toda a região delimitada pelas Avenidas Paralela ao norte, Orlando Gomes a o oeste, Alamedas da Praia a o leste e, ao sul, pela justaposição da Avenida Octávio Mangabeira com as ruas Aristide Milton, Prof. Souza Brito, Farol de Itapuã e Avenida General Severino Filho, que, conectando com a Av. Alamedas da Praia fecha a poligonal. Merece destaque a Avenida Dorival Caymmi que atravessa esta região ligando a orla ao bairro de São Cristóvão (próximo ao Aeroporto) e representa uma centralidade.

Evolução e desenvolvimento do bairro

De antiga aldeia indígena, passando para colônia de pescadores à época da colonização (povoamento) e evoluindo à condição de localidade turística e de veraneio para os habitantes mais abastados da cidade, em meados do século passado, Itapuã se consolida como uma nova centralidade a partir do ano 1980.

Segundo o responsável pela Agenda 21 de Itapuã, Amadeu Alves (apud EREMKIN, 2004) data de 1880 a consolidação de um povoado de pescadores, que também praticavam a pesca da baleia, no que hoje é conhecido como núcleo inicial do bairro – Igreja, Praça Dorival Caymmi, Mercado Municipal. Já no censo de 1920, Vasconcelos (2002) aponta o sub-distrito de Itapuã com 3.446 habitantes, tendo sido sua atual Igreja, pertencente à paróquia de Nossa da Conceição, inaugurada em 1927 (segundo marco local).

De forma conjunta, dois fatos podem ser elencados como fatores do primeiro processo de urbanização de Itapuã, que retirariam a localidade da situação de lugarejo em comparação com a urbanização experimentada pela área central da cidade. A construção do Aeroporto de Ipitanga em 1944, que já vinha sendo utilizado como campo de pouso fazia algum tempo, e a inauguração da Avenida Amaralina em 1949, que conectaram o Aeroporto e o povoado de pescadores ao então centro urbano consolidado da cidade, via orla atlântica. Ressalta-se que, até a abertura desta via, a ligação com Itapuã era realizada pela estrada, hoje conhecida, como Estrada Velha do Aeroporto – EVA e via mar por saveiros.

Tendo sido abertos novos terrenos para empreendimentos imobiliários, ao longo de toda a Avenida Amaralina, os anos cinquenta são o ponto de partida para a ocupação da “aldeia” de Itapuã. A princípio como localidade de veranistas, que aí construíram/adquiriram uma segunda casa como forma de usufruir das características naturais tão aprazíveis do lugar. Esta forma de ocupação ocorreu, sobretudo, sob o modelo de loteamentos de baixa densidade habitacional, leia-se, para a classe mais abastada da cidade. São desta década os Loteamentos Jardim Piatã (1951), Cidade Balneária de Itapuã (1956) – que pertence ao núcleo inicial do bairro - e o Jardim Encantamento (1957). Além destes, houve também a instalação da Vila Militar da Aeronáutica que passou a abrigar os funcionários da Base Aérea de Salvador.

Segundo Vasconcelos (2002), no ano de 1960, este sub-distrito contava ainda com 10.061 habitantes. Porém, o grande crescimento, por conseguinte, a consolidação em bairro residencial ocorreria a partir dos anos setenta.

De fato, a expansão deliberada da cidade para o seu vetor norte foi o ponto de partida das transformações mais agudas pelas quais o bairro passaria. Com obras desenvolvimentistas como

a implantação do Centro Industrial de Aratu - CIA, da estrada CIA-Aeroporto (conectando a orla atlântica à BR-324) e a construção do Centro Administrativo da Bahia – CAB, nos anos sessenta; a implantação da Central de Abastecimento de Salvador - CEASA, a abertura de Avenida Paralela, a duplicação da Av. Otavio Mangabeira (antiga Av. Amaralina), o asfaltamento da Estrada do Coco e inauguração da Avenida Orlando Gomes, nos anos setenta; e, já nos anos oitenta, a ampliação do Aeroporto Internacional da cidade e a duplicação da Estrada do Coco (até o Rio Joanes) deslocaram enormemente a antiga centralidade de Salvador, passando a reestruturá-la espacialmente.

Itapuã, agora conectada também ao espaço metropolitano da cidade, seja ao vetor litoral atlântico seja ao vetor Baía de Todos os Santos, passa a receber mais uma leva de empreendimentos imobiliários partidários da concepção citada anteriormente: Farol de Itapuã (1971), Pedra do Sal (1972), Alamedas da Praia (1974), e, mais recentemente, o Colinas da Fonte, entre os principais.

Alguns outros empreendimentos ratificaram a transformação urbana pela qual a antiga aldeia vinha passando. A implantação do Parque de Exposições Agropecuário pelo governo estadual, em 1972, a inauguração de um grande mercado privado para abastecimento alimentar e afins (nos anos setenta), a construção do Clube do SESC e da Associação Atlética do Banco do Brasil - AABB, a construção do Hotel Quatro Rodas (final dos anos setenta e início dos anos oitenta) e a duplicação da Avenida Dorival Caymmi (anos oitenta) são emblemáticos dessa transformação.

Paralelamente a este processo exógeno, o poder local ocorreu um outro de amplas conseqüências. O fato de que o poder público (agora o municipal), através do Plano Diretor da Orla Marítima de 1973, ter atribuído a Itapuã a função de Zona de Expansão Urbana - ZEU. De forma minimalista ele pensa esta localidade somente pelo viés das atividades econômicas ligadas ao turismo, ao lazer e à habitação para “classes favorecidas” omitindo-se, em certa medida, em relação à parte interna do bairro, sobretudo à questão da moradia das pessoas com baixa renda que para lá estavam a se deslocar, por conseguinte, do processo de urbanização que o bairro estava a sofrer.

Seguem abaixo alguns dos pontos que nortearam o Plano Diretor da Orla Marítima de 1973:

- 3 – as implantações residenciais pré-existentes ao Plano mostram uma vocação da área para uma densidade fraca característica do modo de viver das classes sociais mais favorecidas;
- 7 – a área tem um claro destino turístico e deverá sofrer o impacto da maior parte do novo fluxo turístico;
- 8 – a área tem também um papel muito importante a desempenhar em função dos lazeres da população local;
- 9 – atividades comerciais devem ser previstas em função da população local e das proximidades e também em função da posição metropolitana da área. (SCHEINOWITZ, 1998).

Fenômeno este que, com exceção da área das lagoas e dunas do Abaeté (a esta altura já reduzida), ocorreria em outros planos e projetos elaborados pela Prefeitura Municipal nos anos oitenta, tais como as Diretrizes da Ocupação Urbana do trecho Itapuã – Aeroporto (SALVADOR, 1981); o Plano Urbanístico para Itapuã (SALVADOR, 1986); e o Plano de Estruturação da Orla marítima de Salvador trecho Amaralina – Itapuã (SALVADOR, 1988).

Impõe-se pelo menos salvaguardar uma parcela desta paisagem, com medidas que visem a preservação e a valorização do patrimônio paisagístico do litoral e a

defesa do seu equilíbrio ecológico para levar às futuras gerações a possibilidade de contemplar e desfrutar desse complexo ecológico, visto que a urbanização acelerada que se processa em Salvador, em especial na orla marítima, ameaça destruir por completo essa paisagem. (SALVADOR, 1981).

Pelas duas citações, percebe-se claramente como o espaço de Itapuã foi pensado apenas parcialmente. A questão da moradia para as classes de baixa renda e a infra-estrutura necessária não foram abordadas, por conseguinte, não foram alvo de planejamento específico.

Mesmo que as lagoas e dunas do Abaeté, desde esta época, tenham sido enfocadas como lugares a serem preservados do processo de expansão urbana, o poder público se absteve de controlar a ocupação irregular, tanto do ponto de vista fundiário quanto urbanístico, que estava a ocorrer nos arredores do núcleo inicial de Itapuã.

Dois fatores contribuíram para esta ocupação irregular. O primeiro foi a questão do preço do solo ser mais baixo nesta parte do bairro do que em outras partes da orla atlântica, então em franco desenvolvimento. O segundo diz respeito à própria opção por uma boa localização, visto que era melhor para esta população aí construir suas moradias a terem que se instalar na longínqua e/ou carente de equipamentos e serviços urbanos áreas adjacentes a BR-324, do subúrbio ferroviário ou do “miolo” de Salvador, àquela época pouco desenvolvido (GORDILHO-SOUZA, 2000).

De mais a mais, a maior inserção de Salvador no mercado turístico nacional, a partir dos anos setenta, e posteriormente internacional já nos anos noventa, ocasionou outros investimentos e intervenções no bairro voltados ao seu tão propalado aspecto turístico. Além do Hotel Quatro Rodas (já mencionado e hoje rebatizado como Hotel *Softel*) são exemplos disto os diversos planos e projetos de ordenação urbana da orla atlântica – vide o Plano Diretor da Orla Marítima de 1973 (já mencionado), a construção do Parque de Itapuã e do Parque de Piatã (anos oitenta), a reforma do Mercado Municipal (1990), a implantação do Parque do Abaeté (1993), a instalação do Catussaba Hotel (1996) dentre vários outros hotéis e pousadas menores, a construção da Praça Vinícius de Moraes (2004) e a inauguração de diversas casas de *shows*, restaurantes e estabelecimentos comerciais com artigos específicos da cultura baiana.

A LEITURA DA REALIDADE ATUAL

Os dados do IBGE

A subdivisão de Salvador em Zonas de Informação - ZI pela CONDER, em 1980, a partir da tabulação dos dados dos setores censitários do IBGE, possibilitou a obtenção de outros dados que enfocassem especificamente Itapuã (ZI-55) e sua área de influência mais imediata. Desta maneira, os dados a seguir pertencem aos censos de 1980, 1991 e 2000.

Observando-se os dados, percebe-se numericamente o que já era perceptível para as pessoas que moram em Itapuã ou visitam o bairro. Mesmo que, no período de 1991-2000, o crescimento populacional tenha sido mais lento que o período de 1980-1991, no decorrer de 20 anos (1980-2000) o bairro passou de 23.782 para 88.600 habitantes. E isto corresponde a um incremento de 372,6%. Da mesma forma ocorreu com o número de domicílios: neste intervalo de 20 anos passou de 4.704 para 23.342, um incremento de 496,2%.

Se estes números são superlativos por si só, confirmando a explosão demográfica de Itapuã, marcadamente nos anos oitenta, eles ainda se tornam mais interessantes se contrapostos com as mesmas variáveis para Salvador cuja população, no mesmo período de 20 anos, cresceu 162,3% e o número de domicílios saltou 220,2%. Esta comparação mostra como o processo de

ocupação e adensamento aconteceu de forma muito mais intensa naquela localidade, no contexto do direcionamento da expansão da cidade para o seu vetor norte atlântico, como já explicitado, do que na cidade como um todo. O bairro de Itapuã passou a abrigar muitas pessoas oriundas de outros bairros, tanto pelo grande número de loteamentos implantados como pelas ocupações irregulares e clandestinas. E, ainda, tornou-se a residência principal para muitas famílias que aí veraneavam ou passavam temporadas.

Destes 23.342 domicílios, em 2000, o tipo casa representa 86%. Isto reflete o quanto o processo de urbanização se deu de forma horizontalizada, diga-se, mal planejada do ponto de vista de um melhor aproveitamento do espaço. Este dado vem reforçar o aspecto dual da espacialização das construções no bairro, pois, se os loteamentos para as classes mais abastadas (especialmente na faixa da praia) primaram pela baixa densidade habitacional (casas com lotes mais amplos e *villages*) as ocupações irregulares trataram de autoconstruir em lotes individuais bem menores, principalmente às margens da Av. Dorival Caymmi.

Pode-se dizer que a mancha de ocupação (mancha urbana) está mal distribuída na região de Itapuã, e isto muito implica a oferta de uma boa qualidade de vida aos moradores. Merece ser pontuado como, a partir da disposição das vias e dos lotes com uma leitura do espaço apreende-se qual foi seu modelo de ocupação: de forma regular e simétrica na faixa da orla, advindo da implantação dos loteamentos planejados, e tortuosa e assimétrica derivado das invasões e ocupações irregulares (principalmente, às margens da Av. Dorival Caymmi e na junção da Av. Orlando Gomes com a Av. Paralela, antiga Malvinas).

Em termos do grau de atendimento dos domicílios por alguns serviços urbanos, a Tabela 1 dá a exata dimensão de como o crescimento demográfico de Itapuã passou ao largo de um planejamento territorial e urbano que englobasse todo o bairro e proporcionasse uma boa qualidade de vida urbana.

Estes dados significam dizer que, num mesmo território, sob uma mesma identidade e imagem urbana, coexistem grupos de indivíduos que possuem um conjunto de serviços urbanos básicos completo – abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo – em detrimento de outros grupos que parecem não morar numa área urbanizada.

Tabela 1 - Situação domiciliar em 2000 de alguns serviços urbanos em Itapuã

<i>Esgotamento Sanitário dos Domicílios</i>	<i>Absoluto</i>	<i>%</i>	<i>Abastecimento de Água dos Domicílios</i>	<i>Absoluto</i>	<i>%</i>
>com banheiro ou sanitário	22.041	94,43	>rede geral	21.713	93,02
<i>rede geral de esgoto ou pluvial</i>	10.385	44,49	<i>canalizada em pelo menos um cômodo</i>	18.968	81,26
<i>fossa séptica</i>	3.952	16,93	<i>canalizada só na propriedade ou terreno</i>	2.745	11,76
<i>fossa rudimentar</i>	3.898	16,70	>poço ou nascente (na propriedade)	593	2,54
<i>vala</i>	1.607	6,88	<i>canalizada em pelo menos um cômodo</i>	349	1,50
<i>rio, lago ou mar</i>	2.038	8,73	<i>canalizada só na propriedade ou terreno</i>	57	0,24
<i>outro escoadouro</i>	161	0,69	>não canalizada	187	0,80
>sem banheiro ou sanitário	1.199	5,16	>outra forma	934	4,00
Total	23.240	100,00	Total	23.240	100,00

<i>Destinação de Lixo dos Domicílios</i>	<i>Absoluto</i>	<i>%</i>
>coletado	21.531	92,65
>por serviço de limpeza	18.231	78,45
>em caçamba de serviço de limpeza	3.300	14,20
>queimado (na propriedade)	258	1,11
>enterrado (na propriedade)	44	0,19
>jogado em terreno baldio ou logradouro	1.126	4,85
>jogado em rio, lago ou mar	259	1,11
>outro destino	22	0,09
Total	23.240	100,00

Dados: IBGE – Censo 2000

Fonte: CONDER, com elaboração do autor

Se até os anos de setenta a população que ocupava o bairro era formada por indivíduos ou famílias cujos integrantes possuíam uma melhor formação educacional e tinham melhores ocupações no mercado de trabalho, no início do século XXI, já não se pode dizer o mesmo. Os números do censo 2000 ajudam a jogar luz sobre o processo de pauperização que vem se acentuando em Itapuã.

Da população residente, cerca de 11% das pessoas não são alfabetizadas. Dos chefes de família alfabetizados, 30% possui apenas o ensino fundamental e 24%, o ensino médio. Em relação à renda, cerca de 15% dos chefes de família não possuem rendimentos. E entre os 85% que possuem rendimento, 46% recebem entre meio e dois salários mínimos.

É a partir deste quadro que se torna possível entender a formação de um comércio local, predominantemente, de baixa sofisticação e de baixo valor agregado (inclusive com um alto grau de informalidade) que emprega uma mão-de-obra de baixa qualificação profissional e, logicamente, mal remunerada.

Este mesmo quadro socioeconômico indica a existência de uma fração dos chefes de família com um poder aquisitivo considerável – 15% com renda superior a dez salários mínimos – e possuidores de nível superior (11%) e, alguns, com pós-graduação (1%). São estas poucas famílias, além dos moradores de Stella Mares/Praia do Flamengo, os responsáveis pela demanda por serviços e bens mais especializados e sofisticados que podem ser encontrados em Itapuã.

Organização Espacial e Uso do Solo

De uma organização espacial e uso do solo bastante simples até os anos sessenta, Itapuã chega ao século XXI com uma estrutura urbana complexa. De fato, apenas os loteamentos residenciais, as casas unidomiciliares dos “nativos”, alguns poucos tipos de comércio e serviços e equipamentos urbanos (praças, Igreja, mercado, etc.) existiam no bairro.

A partir dos anos setenta, quando Itapuã passou pelo segundo processo de urbanização capitaneado pelos diversos empreendimentos imobiliários, os loteamentos, e pelas invasões posteriormente, diversos equipamentos – de infra-estrutura básica (água, esgoto e coleta de lixo), de saúde, de educação, de comunicação, de transporte, de recreação e lazer, de abastecimento alimentar, de culto, etc. – foram paulatinamente implantados como atendimento às demandas por melhores condições de qualidade de vida. Este fato urbano passou a diferenciar

consideravelmente o uso do solo na área, pois a sua distribuição espacial não se deu de forma equânime.

Sem dúvida, Itapuã é um bairro com uso do solo predominantemente residencial. Nessa categoria destaca-se como principal equipamento o tipo casa. Edifícios residenciais, além dos existentes na Vilar Militar da Aeronáutica, somente são encontrados ao longo da Avenida Dorival Caymmi, principal via local.

Por conectar a orla atlântica ao Aeroporto e ao acesso norte (dimensão metropolitana do bairro), e vice-versa, esta via passou a suportar um grande fluxo de pessoas e veículos e por isso mesmo foi duplicada em meados dos anos oitenta. Não por acaso, este corredor viário foi o primeiro núcleo comercial e de serviços a se consolidar em todo o vetor atlântico norte localizado depois do bairro da Boca do Rio, este bem próximo do centro desenvolvido.

Para que se constate a diversidade de usos do solo e dos equipamentos e serviços existentes em Itapuã, determinados pela heterogeneidade socioeconômica da sua ocupação espacial e do seu entorno, basta elencar as categorias (baseado na Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Salvador – LOUOS): Comércio e Serviços; Educacional; Assistência à Saúde; Assistencial Social; Sócio-Cultural; Cultural; Recreacional; Abastecimento Alimentar; Comunicação; Fisco, Justiça e Segurança; Governamental: Estadual, Municipal, Federal e Sepultamento.

A partir dos usos do solo em Itapuã, três aspectos podem ser destacados sobre a organização espacial do bairro. A primeira é o caráter de especialização urbana que ele possui. O conjunto de equipamentos existente, especialmente os de Saúde, de Educação, de Comércio e Serviços, Recreacionais e Governamentais denotam uma certa funcionalidade de Itapuã para o atendimento às demandas locais e supralocais, incluindo aí aos bairros de Patamares, Stella Mares/Praia do Flamengo, Mussurunga e São Cristóvão, e ainda, em menor intensidade, aos municípios de Lauro de Freitas, Camaçari e Simões Filho.

O segundo refere-se à gama de comércios e serviços oferecidos pelo bairro. De feira livre à acesso à internet (*cyber* cafés), passando por mercadinhos, padarias e açougues, farmácias, oficinas, casas de material de construção, lojas de confecções e calçados, lojas de móveis e eletroeletrônicos, salões de beleza, restaurantes e bares (sofisticados e populares), pousadas e hotéis, *mini-shoppings* e agências bancárias de várias bandeiras, esta variedade de comércios e serviços é reflexo da heterogeneidade – de renda e de nível educacional - dos indivíduos e famílias que residem em Itapuã, como explicitados anteriormente.

Por fim, deve-se assinalar que os equipamentos – comunitários ou particulares - de melhor qualidade ou os mais sofisticados estão instalados nos sub-espacos mais valorizados do bairro. Tem-se, assim, que bares e restaurantes, lojas de informática e de internet, hotéis e pousadas, as maiores farmácias, mercados, escolas e colégios estão concentrados no núcleo inicial e na faixa da orla. Nos demais recantos, espalham-se os comércios inferiores com padrões construtivos bem abaixo dos encontrados na outra região e com produtos voltados à camada popular aí existente.

O que agora foi exposto vem, mais uma vez, reforçar a dualidade do processo de urbanização que ocorreu em Itapuã. Ao mesmo tempo em que empreendimentos imobiliários privados privilegiaram, marcadamente, a faixa da orla atraindo uma classe de moradores com maior poder aquisitivo e gostos mais sofisticados, a omissão do poder público para com a área interna do bairro veio a ocasionar uma ocupação, via invasões, que é responsável pelo processo de pauperização e de outros problemas urbanos pelos quais o bairro passa.

Os problemas presentes no cotidiano

Os tantos novos moradores (de classes heterogêneas) e domicílios incorporados ao bairro, de forma acelerada e muitas vezes desordenada (sem planejamento adequado ou por invasões), somados com a população flutuante que por aí circula, ocasionaram uma diversidade de problemas que rapidamente passaram a compor a paisagem urbana de Itapuã e, até mesmo, a “expulsar” os moradores mais antigos do bairro insatisfeitos com a sua degradação. Com efeito, para a decepção dos fãs do poeta, pode-se dizer que já não é mais tão agradável “passar uma tarde em Itapuã”.

A Tabela 2 traz as principais categorias de problemas e como eles ocorrem no bairro.

Tabela 2 – Problemas existentes em Itapuã

Tipo de Problema	Ocorrência
Segurança Pública	A 12ª CP atende os 88.600 habitantes de Itapuã e ainda São Cristóvão, Mussurunga, Stella Mares/Praia do Flamengo;
Geração, coleta e destinação de lixo	Existência de feira-livre e venda de frutos do mar, inexistência de coleta seletiva e a coleta de lixo normal não cobre a totalidade da área;
Degradação do meio ambiente local:	As lagoas e dunas do Abaeté correm risco com a retirada clandestina de areia, com a ocupação urbana de áreas indevidas e com o uso inadequado do manancial que alimenta as lagoas;
Comércio Informal	Existência de grande número de ambulantes e camelôs que se concentram, sobretudo, no núcleo inicial, na praia e na Av. Dorival Caymmi, prejudicando a circulação de pedestres, sujando as ruas / praias e fazendo uma concorrência desleal aos comércios legalmente estabelecidos;
Uso do Solo	Existência de grande número de ocupações irregulares instaladas em desacordo aos padrões urbanísticos convencionais; padrão construtivo das barracas de praia deficientes; falta de ordenamento dos estabelecimentos de comércio e serviços que invadem ruas e habitações destinadas ao uso residencial e praças e passeios públicos; desconforto auditivo causado pelo excesso de utilização de carros de som pelas vias do bairro, bares e restaurantes.
Transportes	Um grande contingente de veículos particulares, ônibus convencionais, vans e minibus trafegam pelo bairro, seja por ele conectar os bairros de Stella Mares/Praia do Flamengo ao centro e a orla atlântica ao vetor norte, seja pelo fato da funcionalidade urbana que o bairro oferece atraindo muitas pessoas/consumidores de bens e serviços.

Fonte: elaboração do autor

Com a recentemente construção e inauguração, pela Prefeitura Municipal do Núcleo de Abastecimento, Comércio e Serviços – NACS de Itapuã, houve uma certa melhoria nas questões da feira-livre e do comércio ambulante. O NACS, localizado na Av. Dorival Caymmi, passou a abrigar a maioria dos feirantes e vendedores de pescados que ocupavam as ruas do núcleo inicial do bairro. Contudo, a falta de uma maior fiscalização está fazendo com que alguns comerciantes voltem a vender seus produtos nas ruas das quais tinham sido relocados (A TARDE, 2004C).

A exemplo do projeto do Viver Melhor (governo do estado) que atuou, nas localidades da Baixa da Gia e Alto do Bela Vista (em Nova Brasília), urbanizando-as, outras ocupações irregulares deveriam sofrer uma intervenção urbanística (FONSECA, 2004b; ROCHA 2004). E ainda mais: o Poder Municipal deveria promover um programa de regularização fundiária, no

sentido de conceder os títulos de posse aos atuais ocupantes, em conjunto com uma regularização urbanística no sentido de integrar estes sub-espços quase sempre degradados/marginalizados ao conjunto do bairro.

Apesar de bem conservada no quesito limpeza, a orla também se encontra num estado de degradação. Alguns equipamentos deveriam ser substituídos, como quiosques, barracas de praia e bancos; outros equipamentos deveriam ser implantados, como canteiros/jardins, sanitários públicos e equipamentos de ginástica, e calçadas e meio-fio poderiam ser recuperados.

A APA do Abaeté também enfrenta problemas que poderiam ser mitigados se houvesse a constituição de um Conselho Gestor da APA. A especulação imobiliária, a ocupação urbana desordenada e a utilização de recursos naturais (extrativismo) pressionam negativamente o equilíbrio do meio ambiente local (FONSECA, 2004a).

Mas, talvez, o maior problema do bairro seja o socioeconômico. Ele é visível tanto para moradores quanto para visitante e transeuntes. É quase uma horda de pedintes, maltrapilhos, bêbados, prostitutas e crianças que fazem malabarismos nos principais semáforos do bairro, nas calçadas da orla e da Av. Dorival Caymmi e no Parque do Abaeté sem que nenhuma iniciativa de porte tenha sido empreendida até agora. Este problema vem contribuindo bastante para o crescimento da criminalidade no bairro (A TARDE, 2004a, 2004b; CASTRO, 2004).

Espera-se que com a recente inauguração pela Prefeitura do escritório da 10ª Administração Regional (a primeira em Salvador), dentro do espaço do NACS, parte destes problemas possam ser contornados vide a atuação mais *in loco* do poder municipal, que assim retoma a idéia de uma administração pública espacialmente descentralizada concebida ainda nos anos oitenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, comparando o caso de Itapuã com o crescimento/desenvolvimento de outros sub-espços de Salvador, chega-se, de forma contundente, a uma conclusão: Itapuã expandiu territorialmente, cresceu economicamente, inchou populacionalmente, contudo, em termos de oferta de uma boa qualidade de vida para todos os seus moradores, não se desenvolveu.

Bairros como Itapagipe, Comércio e Barra passaram por um processo de formação, evolução, apogeu e declínio (menos na Barra que nos outros dois) e bairros como Pituba/Itaígara, Imbuí e Cabula ainda estão em fase de expansão/consolidação. Já Itapuã, por tudo aquilo que foi aqui levantado e explicitado, sucumbiu a sua própria expansão. Fragmentou-se.

Itapuã teve ao seu favor muitas condições para se tornar uma ótima localidade para viver, em suas diversas dimensões – morar, trabalhar, circular, de recreação e lazer. Todavia, a leitura que se faz hoje do bairro é de uma Salvador condensada. A faixa da orla e a maior parte das suas principais vias se encontram valorizadas, urbanisticamente reguladas e qualificadas pelos poderes públicos. São quase ilhas de prosperidade. Nos demais recantos e grotões da área (que equivalem a maior parte do bairro), prevalecem a informalidade habitacional e econômica, a insegurança, a falta de opções de lazer, a ignorância, o descaso.

Não que se trate de uma nostalgia ou bucolismo, na esperança de ver o bairro de Itapuã da mesma forma e com a mesma qualidade de vida que ele propiciou até os anos oitenta. Neste caso, a esperança não mais existe. A situação atual é irreversível. O lamento vem de como o descaso, em algum ponto da produção e organização do seu espaço, negou a Itapuã a promessa de uma urbanização bem sucedida.

A esperança agora é que se retomem os estudos e análises sobre a total realidade do bairro a fim de que, pelo menos, seja garantida uma boa habitabilidade e uma outra qualidade de vida a todos os seus moradores, visitantes e transeuntes e por que não; admiradores.

REFERÊNCIAS

A TARDE . Entidade entregou documento a Lula. Salvador, 19 set. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

_____. Um policial para 66 mil pessoas. Salvador, 19 dez. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

_____. Comerciantes querem mudanças. Salvador, 18 out. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

CASTRO, José. Violência sexual amedronta Itapuã. *A Tarde*, Salvador, 19 set. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

EREMKIM, Tânia. Bairro mantém o sotaque poético. *A Tarde*, Salvador, 06 nov. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

FONSECA, A. Lagoa escura tem dunas violadas. *A Tarde*, Salvador, 12 jun. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

_____. Cadê o pessoal da prefeitura?. *A Tarde*, Salvador, 27 nov. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

GORDILHO-SOUZA, Ângela. *Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2000. p 81-179;

ROCHA, N. Nova Brasília reivindica saneamento. *A Tarde*, Salvador, 03 set. 2004. Caderno Local. Disponível em:<<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 02 jan. 2005;

SALVADOR. Órgão Central de Planejamento (OCEPLAN). *Diretrizes da ocupação urbana do trecho Itapoã – Aeroporto*. Salvador: 1981;

_____. *Plano urbanístico para Itapuã*. Salvador: 1986;

_____. Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN). *Plano de estruturação da orla marítima de Salvador trecho Amaralina – Itapuã: primeira etapa – ocupação*. Salvador, 1988;

SCHEINOWITZ, A. S. *O macroplanejamento da aglomeração de Salvador*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1998. (Coleção Apoio, 24);

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. Ilhéus: Editus, 2002.